

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros.....	2\$500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	1\$300 >
Trimestre ou 13 >	700 >
Avulso.....	60 >

— ANNO I — 8 DE JANEIRO DE 1882 — N.º 47 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros.....	7\$000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	3\$000 >
Trimestre ou 13 >	2\$000 >
Avulso.....	200 >

SUMMARIO

GRAVURAS:—O ultimo sobre-vivente; O caçador de redes americano e o seu cão; Uma mulher e um interior caseiro da ilha de Marken; Duas vistas de Amsterdam
 TEXTO:—Actualidades, por Tekel; As nossas gravuras por Cunha Belem; Domingo historico, por A. O.; Rosicler, por Buihão Pato; Ho ras d'ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro; Correspondencia

ACTUALIDADES

Eu não sei bem se o *Grande Homem*, a comedia de Teixeira de Queiroz, appareceu ou não a semana passada. Em todo o caso é uma actualidade, senão a

Isto posto — digamos alguma cousa do *cache-miséres* do *Grande Homem*.

O auctor começa por explicar que «a publicação do *Grande Homem*, em livro, foi motivada por considerações inteiramente litterarias.»

A meu vêr, ha aqui redundancia.

Queiroz foi provocado a publicar a comedia. Por quem? Por mim juro que não. Elle, porém, logo o delata: «a natureza do assumpto e o actual momento historico da vida publica da nação, provocavam esta publicidade.»

Como as coisas são! Eu vi a peça do sr. Queiroz;



O ULTIMO SOBRE-VIVENTE

peça, o prologo com que o illustre romancista entendeu dever de apresental-a ao publico.

Os prologos são, não direi sempre mas muita vez, uma especie de *cache-miséres* com que os auctores, paes extremosos, procuram encobrir as corcovas e os aleijões dos filhos. É porém o amor paterno sentimento tão digno de respeito e admiração que não se rei eu quem, com penna impia, stygmatisse os que assim procedem.

Pois porque havia de ser? Para ganhar um milhão? Em todo o caso, — está bem. Estou até capaz fde dizer como nos *Dragões d'El-rei*:

'Stá bem!

'Stá bem!

'Stá muito bem!

Mas não foram só as taes considerações. Houve mais. Depois do *inteiramente*, temos um — *além d'isto*. N'este *além d'isto* sabe-se que o sr. Teixeira de

mal, ou bem, comprehendi a natureza do assumpto — pareceu-me tudo, — excepto provocar.

É o tal anexam, — de onde moitas não ha saem os coelhos.

Quanto ao actual momento historico da vida da nação — não o tinha em boa conta. Mas sempre imaginei que não fosse provocar com vaías e dichotes pessoas graves e sérias, como o illustre escriptor de quem estou fallando.

Passemos duas paginas em claro. O logar não é proprio para esmucar muita coisa que por lá existe; vejamos o que o sr. T. de Queiroz diz dos criticos.

Quasi todos, escreve o auctor em bom italico, foram correctos e amaveis.

Graças a Deus, não fui nem uma nem outra cousa. E continúa:

«Porém isto não excluía o affirmarem, quasi em unanimidade, que o Grande Homem tinha innumerados defeitos de construcção, mostrando exuberantemente, o seu auctor, não ter bastantes unturas (que desdém! tem a gente vontade de perguntar-lhe onde deita os chinellos velhos) unturas de Dumas, de Sardou, de Scribe, e de Labiche.

«Então respondi verbalmente que conhecia pelo menos Molière, que ha dois seculos passa por tergenio, e que me era familiar o engenhoso (apenas engenhoso?) Beaumarchais, o mais sceptico dos homens d'espírito. Responderam-me mesmo em jornaes (até em jornaes, — parece impossivel!): «Ah! depois d'esses o theatro tem progredido muito!»

E o sr. Teixeira de Queiroz com uma commoção — inteiramente artistica — a embargar-lhe a voz, exclama:

«— Em quê, meus caros senhores? Qual a differença entre Sardou e Molière? Em que progrediu Labiche e Scribe a respeito de Beaumarchais?! . . . Ah! os senhores não sabem. . . Surriada! que não sabem e fallavam pomposamente d'isto!»

Ora vejam — onde uma comedia mediocre pode levar uma pessoa de juizo!

O sr. Teixeira de Queiroz, um escriptor distincto, um espirito esclarecido, um homem de talento a escrever semelhante heresia! Elle, um discipulo de Comte e de Littré, elle um positivista, elle que em tudo vê phenomenos de evolução — na politica e na litteratura, nas artes e na sciencia, — elle que se ri do romance de 1830 e das poesias sentimentaes de varios vates d'esse tempo, elle um dissidente em arte, como a si proprio se chama a paginas VII, elle um iconoclasta, elle um irreverente, — elle um demolidor, elle que quer que tudo mude, que tudo progrida, que tudo se transforme, — entende que o theatro parou em Molière, estacou em Beaumarchais!

Tudo se modifica, tudo caminha, tudo avança, a politica, o romance, a pintura, a sciencia, a industria, n'uma palavra, não ha uma só manifestação do espirito que não soffra a influencia da evolução. . . Não ha uma só? — dissemos mal. Ha uma, — o theatro.

Esse não deu um passo! Esse está tal e qual o deixou Beaumarchais! Ninguem mais lhe tocou, ninguem mais lhe bolio, ninguem mais lhe mecheu!

Se um romancista prefaciando a sua obra delemasse conhecer apenas Dumas pae, Feuillet, Victor Hugo, Sandeau, George Sand, — que bellas gargalhadas não teria o sr. Teixeira de Queiroz?

— E então Balzac, então Flaubert, — Zola?

Outra vez o digo. Não é aqui o lugar proprio para discutir tudo isto — mas, se o illustre escriptor o deseja, é-me muito facil provar-lhe n'outro jornal que não basta ler Molière e Beaumarchais para escrever hoje para o theatro.

Continuemos.

O sr. Teixeira de Queiroz diz em seguida:

«Mas concordou-se geralmente que a comedia tinha graça. Maravilhoso! Eu não a escrevi para fazer chorar as platéas, ainda que, por detraz d'aquelle pateta de Mauricio Pautino existe o pungentissimo drama da estupidez humana triumphante e feliz! . . .

Muitas das comedias de Molière, aquelle de quem

o prince-Goethe costumava ler as obras para se fortificar no seu grande bom senso e no seu espirito de justiça, contem pungentissimas tragedias como as de Shakspeare! —»

Creio que o percebi: — Assim como nas comedias de Molière ha tragedias pungentissimas como as de Shakspeare, assim no grande homem existe — por detraz d'aquelle pateta de Mauricio Pautino o pungentissimo drama (o adjectivo está a mostrar-me que percebi) da estupidez humana triumphante e feliz! Está bem.

Quanto a existirem tragedias nas comedias de Molière eu já o sabia por as ter lido. E se não soubesse, dizia-m'o Julio Janin. — Até peço licença para o transcrever. — Trata-se do *D. Juan*, e o grande folhetinista escreve:

— A tout prendre, et malgré les fleurs — malgré les fortunes dont elle est semée, la route que parcourt D. Juan est aussi triste que la route que parcourt Hamlet, encombrée de frimas et de neiges: c'est que, dans l'une et l'autre route, est semé le doute, cette epine amère, cette ronce fatale que nulle main ne peut arracher. Quand Hamlet s'ecrie: — *Le vent est rude coupe le visage, il fait très froid!* il nous paraît moins digne de pitié que D. Juan, quand il s'ecrie, sous ces beaux arbres si doucement agités par le zephyr printanier: — Je crois que deux et deux sont quatre et que quatre et quatre sont huit. —»

Brilhantemente escripto, e deveras pungentissima esta scena. Pungentissima, — como varias do *Grande homem!*

Vae longo o artigo, e muito me fica para dizer.

O sr. Teixeira de Queiroz entende que o theatro é, considerado debaixo do ponto de vista artistico, — uma fórmula restricta.

Querem agora saber porquê?

— No theatro, diz o sr. Teixeira de Queiroz, é preciso não ter estylo — isto é — perder a individualidade.

Mas oh meu caro senhor; — ha individualidade e individualidade.

Se o illustre escriptor entende por individualidade, quando falta de si, a sua pessoa — d'accordo. Quando escrever para o theatro tem de perder a sua pessoa, ou, quero dizer, — a sua individualidade. — Mas a individualidade litteraria é uma coisa muito differente. — Uma das coisas, no theatro, em que ella exactamente se revela é em cada um dos personagens fallar de modo differente, — isto é no estylo e linguagem que lhe é propria.

Não terão Shakspeare, Molière, Beaumarchais, individualidade litteraria, — no theatro? Quer por isto por ventura dizer que estes escriptores não tenham estylo?

Depois, esta observação feita por um romancista moderno é, pelo menos, extravagante.

Então no romance não acontece a mesma coisa? — Podem por ventura n'um dialogo fallar do mesmo modo, — o duque e o seu cocheiro, o boticario e o diplomata, a mulher do povo e a fidalga?

O sr. Teixeira de Queiroz esteve de certo brincando connosco.

Ha porém mais razões que provam ser o theatro uma fórmula restricta.

«— No theatro, — diz o sr. Teixeira de Queiroz, — é preciso confeccionar o trabalho de certa maneira: metter mulheres na peça: cortar o dialogo d'um modo convencional. . . etc. etc.»

E' o que eu digo. Está mangando com a tropa.

Mas isso é preciso em toda e qualquer obra d'arte!

Que obra de arte se faz sem se confeccionar o trabalho de certa maneira? Vá, meu senhor, queira dar-me um exemplo! Um só!

E metter mulheres! — Como seria facil fazer arte, pintar, esculpturar, compor operas e comedias, poemas e dramas, tragedias e romances, — senão fosse este pesado travão. . . as mulheres!

Que obra prima seria a *Divina Comedia* sem a Francesca, o *Paraizo perdido* sem Eva, o *D. Quixote* sem Dulcinéa, os *Lusiadas* sem Ignez de Castro, o *Othello* sem Desdemona, *Romeu e Julieta* sem Julieta, o *Fausto* sem Margarida, *Hamlet* sem Ophelia!

Ter de metter mulheres! Ah! é de mais! E' abusar do artista!

E cortar o dialogo d'um modo convencional?

Conhecem por ahi nada de mais despotico! Parece um edital do sr. Arrobas!

Acontece isso por ventura no romance? Tem a gente por ventura em poesia de fazer os versos de certo tamanho, de accentual-os em certas syllabas? Mais uma vez, — esteve a mangar com a tropa.

Vamos ás ultimas linhas:

Concluindo escreve o sr. Teixeira de Queiroz:

«— Disse-se que o Grande Homem peccava por falta de enredo. Molière tinha em segunda conta a intriga das suas peças, porque fazia monographias de caracteres ou de recantos sociaes. Este prodigioso mestre como tinha idéas, não queria adoptar o expediente de as esconder.»

Percebem? o enredo no theatro, é um expediente. Corresponde na imprensa periodica a esta coisa muito conhecida que talvez se entenda com algumas pessoas que recebem o *Jornal do Domingo*. — Pede-se aos srs. assignantes em divida de assignatura queiram, etc. . .

Pela ultima vez — o sr. Teixeira de Queiroz esteve a mangar com a tropa. . .

THEKEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

O UNICO SOBRE-VIVENTE. — Delicioso este quadro de Stainlaud. Houve temporal medonho. Despedaçou-se um navio na costa, e de balde os pescadores procuraram salvar as victimas. Todos tinham sido devorados pelas vagas. Todos não! Entre os destroços do navio, foi-se encontrar uma criancinha inconsciente, contemplando com tranquillidade o quadro horroroso, que a rodeia, esperando, a brincar, a morte que não comprehende, ou chorando simplesmente porque lhe falta a mãe que a passeiava ao collo, e que no ultimo momento sentiu a angustia mais horrivel que pode imaginar-se, ao ver-se separada para sempre da sua filha estremecida.

Os pescadores acolhem com verdadeiro enthusiasmo essa criança salva das vagas. As mulheres, com o seu ingenito instincto maternal, correm a vel-a, a admiral-a, a cuidar d'ella. Os maritimos enlevam-se n'aquelle rostinho encantador, meio choroso, meio pasmado, ainda quasi inconsciente. Adivinha-se que virá a ser o mimoso de toda aquella população, o seu filho adoptivo. O pastor protestante está folheando um livro de registo encontrado a bordo, para ver se pode restabelecer o estado civil da criancinha. Mas no fundo do coração deseja, como o resto da população, não encontrar coisa alguma, para não ser obrigado a restituir a uns parentes, provavelmente indifferentes, essa criança que o céu lhes enviou, que todos se ufavam de ter salvo, e que será

com a sua innocencia, com a sua candura, o anjo da guarda d'aquella boa e pobre aldeia.

O CAÇADOR DE REDES AMERICANO E O SEU CÃO.—E' um estranho personagem um caçador de redes americano. Levado a abraçar esse modo de vida ou pela paixão da caça, ou pelo amor da vida solitaria, ou pela necessidade de escapar á acção da lei, encontra-se sobretudo nas margens de todos os affluentes do Mississipi, onde abundam os animaes de pelles ricas.

A existencia do caçador de redes é, como pode imaginar-se, uma das mais activas e das mais accidentadas, e a sua alma é de uma tempera especialissima; porque tem que lutar contra as intemperies das estações, contra as difficuldades sem numero, que lhe offerece uma natureza no estado virgem, a fome, a sede, as feras, e os selvagens cujos dominios invadiu. Vestido com um fato de pelles, tem por equipagem unica um cobreão de lã, uma comprida espingarda, um polvarinho, uma faca de caça, e uma rede de ferro.

Vive em geral isolado, sem outra companhia que não seja a do seu cão, que é em geral para elle um auxiliar, um amigo e um defensor.

Entre os caçadores de redes ha um que se tornou legendario, tanto pelos incidentes de que foi semeada a sua vida, como pela idade adiantada a que excepcionalmente chegou. Foi Bill Williams, que a nossa gravura representa.

Um bello dia, viu-se com espanto voltar o famoso caçador de redes para o mundo civilisado, com a expressão da dôr pintada no rosto e chorando a bom chorar. Annunciou que ia abandonar um genero de existencia que se lhe tornára impossivel, e quando lhe perguntaram o motivo d'esta resolução extraordinaria, porque estava ainda verde, respondeu dolorosamente. «Perdi o meu Tom, o meu fiel companheiro de dezoito annos. Morreu no campo da honra defendendo-me contra um urso formidavel. Ah! porque não morro eu ao mesmo tempo?

Não tardou a realisar-se o desejo de Bill Williams.

Um artista americano, inspirando-se na popularidade do velho caçador de redes, representou-o no meio de uma floresta junto de Tom moribundo. A verdade da scena, o profundo sentimento que respira tornam este quadro verdadeiramente notavel.

RECORDAÇÕES DA HOLLANDA.—Não é sem uma commoção de saudade que, nas duas gravuras d'este numero, se nos avivam lembranças d'esse paiz, que nos deixou absortos e attonitos, pelas suas bellezas, de uma ordem como não é facil encontrar em qualquer outra nação do mundo.

A Hollanda, quasi obra dos homens, arrancada pela sua vontade e perseverança do seio das ondas, construida sobre estacarias, semeada de canaes, onde a superficie liquida é quasi igual á superficie solida, onde as obras d'arte, cuidadosamente vigiadas de continuo, impedem a inundação imminente, e a que o ousado patriotismo dos hollandezes, já recorreu para salvar o paiz da invasão estranha; a Hollanda, com os seus prados vecejantes, com as suas formosas construcções, que parecem um capricho, recortado por mão de artistas, com a suavidade dos seus costumes, com o seu acrisolado amor de liberdade e de independencia, com a sua constante pratica da tolerancia religiosa, com a sua potente vida municipal, com a sua educação de respeito pela lei, e ainda com os seus inimitaveis banhos de acao é uma nação não só para deleitar o espirito do mais fertil

dos *touristes*, mas tambem para encantar e absorver a attenção do viajante mais reflectido e observador. Alli tudo é excepcional: o aspecto do paiz, n'essas immensas planicies verdes, onde a vista se perde no infinito, sem que um incidente de terreno destrua o raio visual; as construcções de tijolo, assentes sobre estacarias, e que dão de si, perdendo a capricho, a perpendicularidade, até que, segundo é crença, findos dois seculos, consolidam, inclinadas, mas sem nunca desabarem; os largos ruas, ou melhor diremos amplissimos caes arborisados, que, de um e outro lado, sordem os canaes, dispostos em labyrinthos, e dominados a cada passo, por pontos moveidicos das mais caprichosas formas, que, ora fechadas, dão passagem aos vehiculos, ora abertas, deixam transitar os barcos, empregados na activissima faina commercial.

A cidade de Amsterdam, sobretudo, disposta na sua forma de leque, cortada por quatro canaes em semicirculos concentricos além do córte que longitudinalmente lhe faz o canal do Amstel, e dos canaes secundarios que entre si communicam todos os outros; Amsterdam, a capital industrial do reino, e que tem merecido o cognome de Veneza do norte, poderia seguramente rivalisar com a rainha do Adriatico, se acaso a natureza lhe houvesse concedido ceu azul e marmore brilhante, mas que leva vantagem á formosa cidade dos doges em poder ser percorrida a pé enxuto pelas bellas ruas, pelos amplos largos, que por toda a parte se encontram.

Não é menos excepcional a historia militar, a historia maritima, a historia politica, a historia scientifica e a historia artistica d'esta cidade encantadora, da cidade de Rembrandt, o chefe da escola de pintura, que encheu o mundo com a fama da sua gloria, brilhando ao lado da de Rubens, o immortal chefe da escola flamenga.

Mas nós não nos propomos fallar agora dos heroes da espada, dos audazes navegadores, que competiram com os navegadores portuguezes; dos sabios estadistas que comprehenderam quando era tempo opportuno de transformar a indole do paiz, confiando o seu futuro da maravilhosa densidade da agriculitura, da opulencia do commercio, da actividade da industria; dos investigadores profundos, que inscreveram o seu nome ao lado dos mais altivos genios da Alemanha, da França, da Inglaterra, na pesquisa de todas as sciencias; dos cultores das bellas-artes, que, se admiram Rembrandt como o seu primeiro vulto, não o deixam isolado na gloria das tradições artisticas. Não! O nosso intuito agora, visto que em mais largo escripto, trataremos desenvolvidamente da Hollanda, é referirmo-nos ás recordações, que directamente prendem com as duas gravuras que apresentamos.

Uma d'ellas é a vista de um interior da ilha de Marken, pequena lingua de terra de tres kilometros de extensão por um de largura, muitas vezes assoberbada pelas aguas, durante o inverno, e onede as construcções, escassas em numero, são de tal modo extravagantes, pela sua elevação sobre estacas, que mais parecem vivendas de castores, do que de seres humanos. E que formosas mulheres as habitadoras da pequena ilha, separada do continente por um estreito canal! e que formosas mulheres com os seus cabelos de um ruivo doce e alourado, que é mais um cambiante do castanho, do que o tom duro de reflexos avermelhados; com os seus grandes olhos: azues, as suas bocas breves e rosadas e a pelle finissima, transparente, macia, como nem as mais delicadas *ladies* inglezas se gabam de possuir! E aos encaantos naturaes dá realce um traje, unico, inimitavel, quasi orien-

tal pela forma e pela opulencia das côres, onde o azul, o amarelo e o escarlata se misturam em harmonica disposição; pelo seu turbante, górrro, carapuço, ou como melhor lhe chamaremos, branco, alvissimo, adornado de fitas alegres e irridiadas; traje que, como todos os outros tão caracteristicos das diversas provincias e ilhas do reino, se vae perdendo a pouco e pouco, n'esta monotona uniformidade das modas francezas, segundo ainda ha pouco nos confirmava o nosso bom amigo Binnendyk, ao offerecer-nos uma interessante colleção de photographias coloridas d'esses typos já quasi esquecidos.

A elegancia e bom gosto artistico de todos os ornatos da casa e sobretudo, o acao, que chega a ser monomania, a riqueza das roupas finissimas de linho do mais puro, o amor, a caricia, o desvelo pelo ninho domestico, são os caracteristicos da vida intima d'aquelle povo tão sympathico, e que fielmente se acham reproduzidos na gravura.

Mas, atravessando de novo o canal Monnikendam, voltamos outra vez a Amsterdam, a admirar aquella construcção magnifica do Amstel Hotel, o primeiro da cidade, que rivalisa com os principaes das cidades de mais renome no mundo culto, e que tem, sobre estes, a vantagem de se mirar nas aguas serenas do Grande Amstel, como os nacionaes chamam ao canal que dá o nome á capital dos Paizes Baixos.

E dizemos capital, porque alli ninguem reconhece á Haya essa qualidade, e dizem todos com orgulho que a formosa cidade onde habita a córte é apenas a residencia, mas que Amsterdam é a capital.

Não vivemos n'aquelle esplenduroso hotel, porque um amigo dedicado nos arranjara quartos no Hotel Bondell, o segundo de Amsterdam, tambem debruçado sobre o Amstel, e mais proximo do coração da cidade, formado pela vasta praça do Dano, onde se levanta o palacio real e a bolsa, dois notaveis monumentos publicos; não vivemos no Amstel Hotel, mas visitámos ali alguns companheiros de digressão e tivemos ensejo de admirar a grandezza e magnificencia d'aquelle edificio e a opulencia d'aquelle estabelecimento, de que não damos mais minuciosa descripção para que não pareça que estamos a fazer reclame em proveito do hospedeiro.

A outra vista de um ponto do canal não dá a feição característica da cidade. Escolhida para um quadro, e não para uma gravura illustrativa, procura os efeitos da belleza artistica, sem se preocupar de reproduzir uma amostra do que é o Amstel, no ponto em que nas duas margens se levantam, a um e outro lado, magnificas construcções de quatro andares, de frente relativamente acanhada, de escadas estreitas, como que para aproveitar o espaço, de telhados agudos, em duas aguas, tendo no vertice do angulo que os dois planos formam na enorme roldana, para elevar á altura das janellas todos os objectos, ainda os de uso mais vulgar que é preciso metter em casa e que mal cabiam na estreiteza das escadas. Cestos de compras e de roupa lavada, mobilias, barris, tudo emfim vimos introduzir d'esta maneira pelas janellas dentro.

O Amstel porém, — o largo canal por que os habitantes da cidade têm grande veneração, e de que fallam sempre com mais acatamento do que quando se referem aos outros canaes, o *Prinsengracht*, o *Keizersgracht*, o *Keerengracht* ou mesmo o *Singel* ou cimicirculo mais excentrico d'aquelle labyrintho d'agua, — o Amstel de *Binnen-Amstel*, entra na cidade até que, com o de *Danikak*, se lança no golpho do Y, e d'ahi vae confundir as suas aguas com as do *Zinderzee*, assume varias formas e varios aspectos, sendo aquelle que a nossa gravura represen-

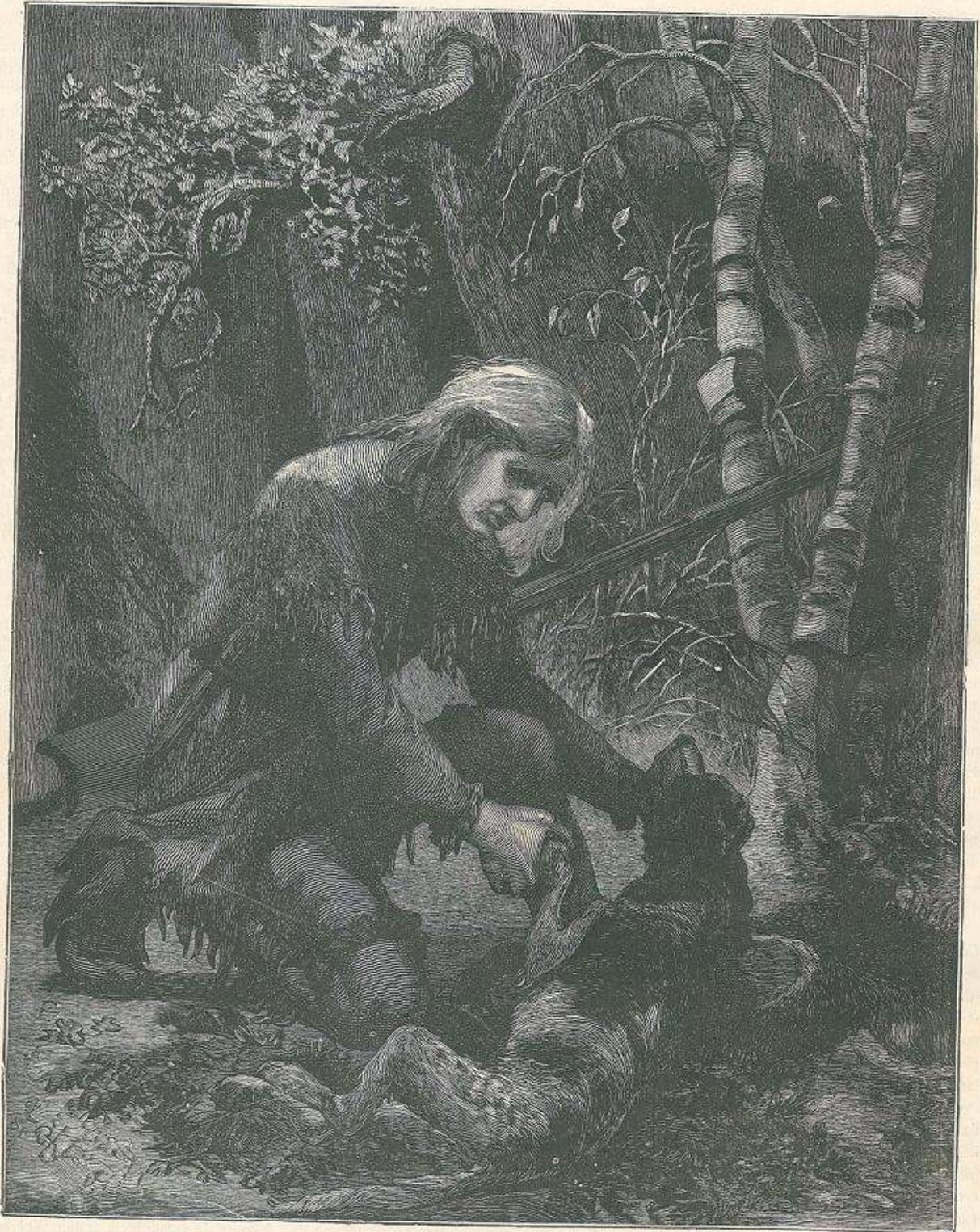
ta o que tem n'um dos arrabaldes da cidade, onde as edificações são menos deusas, menos importantes, onde os caes se não estendem ao longo da margem, onde não ha pontes, onde as casas são menos cuidadas de elegancia exterior, não tendo a pintura a oleo ou a verniz, que é vulgarissima nas da capi-

n'aquellas planuras sem fim, n'aquella riqueza d'agua que banha por todos os lados as edificações e os campos, e até n'aquelle moinho, representante de pleiades enormes d'elles juncados por toda a parte, occupados em todos os misteres, desde o de serrar madeira, até ao de mover agua!

mente empregados no enxugamento do solo, para extracção das aguas que vão depois, canalizadas, fertilisar os campos.

De Amstardam só nos não deixaram saudades... os mosquitos.

Esses sim! que são importunos a valer; e ai do



O CAÇADOR DE REDES AMERICANO E O SEU CÃO

tal, onde as janellas não são adornadas a um e outro lado dos *espîdes*, espelhos dispostos de modo a permittirem vêr do interior dos quartos tudo quanto se faça na rua.

Entretanto se por esta gravura não podemos apreciar Amstardam, podemos formar uma idéa do paiz,

E' uma coisa curiosa, vêr como o genio activo e industrioso dos hollandezes soube aproveitar o vento como motor; e por que luta constantemente com a agua, puzeram o vento do seu lado n'este combate perpetuo, encarregando-o de mover os longos braços dos moinhos de caprichosa fórma constante-

forasteiro que, por ignorancia, entra á noite com luz no seu quarto, antes de fechar bem as janellas! E', pelo menos, devorado pelas feras aladas, que cantam hymnos de zombaria, em torno das suas victimas!

D'esse perigo nos salvou o aviso amigo de um

austriaco, a quem a triste experiencia, fizera conhecedor d'aquella impertinencia,—a unica que se encontra nas margens do Amste!!

A. M. DA CUNHA BELLEM.

episodios; e entre estes conta-se o de um projecto de assassinato do mestre de Aviz, o qual felizmente abortou.

Vendo o rei de Castella que a sorte das armas não lhe era propicia, imaginou dar cabo da independencia portugueza por meios desleaes; e pensou em des-

as passadas offensas e enche-o de favores, se o livrasse do intrepido caudilho da nacionalidade portugueza. D. Pedro não declinou o encargo, e, entrando em negociações com o rei, entendeu-se com varios fidalgos castelhanos e portuguezes, que lhe pareceu mais dispostos, por diversas causas, a escutarem as



UMA MULHER E UM INTERIOR CASEIRO DA ILHA DE MAARKEN, HOLLANDA
(Veja-se o artigo *Recordações da Hollanda*)

O DOMINGO HISTORICO

8 de janeiro de 1385—Descobre-se uma conspiração contra o mestre d'Aviz.

A lucta travada entre Portugal e Castella, depois da morte de D. Fernando, foi cheia dos mais variados

fazer-se de D. João, para que o povo, ficando sem o seu ousado chefe, mais facilmente se curvasse ao jugo estrangeiro.

Para levar á execução o seu vil plano, escreveu ao conde de Trastamara, D. Pedro, que servia desbaixo das bandeiras de Portugal, e prometeu-lhe esquecer

suas palavras e a favorecerem o seu nefasto intento.

Foram seus cúmplices dois castelhanos—Alfonso de Baeza e Garcia Gonzalez de Valdez, que prometteram assassinar o mestre; e D. Gonçalo (irmão de D. Leonor Telles) e Ayres Gonçalves d'Azevedo, que se offerceram a auxiliar os conspiradores.

As repetidas conferencias de D. Gonçalo com o conde de Trastamara levantaram algumas suspeitas, e, como no dia 8 de janeiro, durante o cerco de Torres Vedras, quando se mandou formar o exercito, o conde D. Gonçalo e Ayres Gonçalves foram os primeiros que appareceram, o Defensor mandou-os prender na sua tenda. Os outros conspiradores, imaginando que tudo estava descoberto, fugiram, mas Valdez sendo apanhado no caminho e confessando, foi condemnado a morrer na fogueira, ao passo que D. Gonçalo e Ayres Gonçalves foram mandados para Evora e tiveram os bens confiscados.

Salvo assim, por um quasi presentimento, o mestre d'Aviz recebeu dentro em pouco a corôa e ganhou d'ahi a mezes a batalha d'Aljubarrota. Terminada a guerra que assolára o paiz, voltou as suas atenções para a administração interna e elevou a um alto grau de prosperidade esta nossa terra de Portugal, que lhe pagou os beneficios d'elle recebidos com o cognome de rei de Boa Memoria.

A. O.

ROSICLER

IDILYO D'UM ROMANTICO

No soluçante adeus da despedida,
Murmurava Maria:
Seja qual for no mundo a minha sorte
Tua, oh! tua serei até á morte!

Não contava voltar, e aquelle dia
Suppuz o derradeiro em que a veria.
Pungia-me o remorso entre a saudade,
E dizia comigo: Na verdade,
Para que fui a esta infeliz creança
Roubar na flor da vida a flor da esperança!

Porem, passado um mez, volto imprevisto
ao ponto onde a deixára.
Ufano o coração, mas com receio,
que áquelle fragil seio,
Tão ingenuo, tão casto, tão amante,
Podesse ser fatal,
O sonhado ideal,
O supremo prazer d'aquelle instante!

Era noite; magnifica d'abril.
Flores, aromas, e de quando em quando
Na balsa escura o rouxinol cantando.
Devia haver luar. N'uma palavra,
Toda a esteril, rhetorica poesia
Da velha lava,
Tinha essa noite em que eu fui ver Maria!

Dirijo os passos para casa d'ella.
Casinha que na terra me brilhava,
Como no chão do ceu brilha uma estrella!
Era feliz, feliz porque levava
A suprema ventura a quem amava!

Transponho a sebe viva, entro a alameda;
Silencio sepulchral!
Não agita uma folha a aragem queda;
Mas não ha nuvem que perturbe, emfim,
Este azul ideal,

Que eu sinto dentro em mim!
Alvorotado, precipito os passos.
Afrouxo-os ao chegar a casa d'ella;
Casinha que na terra me brilhava
Como no chão do ceu brilha uma estrella!

Ao sopé da janella manuelina,
Das heras revestida,
Parei. Aquella bocca peregrina,
Contraida na dôr, ainda mais bella,
Foi áquelle janella,
Que me disse no adeus da despedida:
Seja qual for no mundo a minha sorte
Tua, oh! tua serei até á morte!

Aturdia-me o extremo da ventura!
A noite era inda escura.
N'isto, um raio de lua no horizonte,
Improviso rompeu detraz d'um monte.
Um vulto assoma á janella:
Resurjo, estremeço, exulto
De alegria! E' ella, é ella!
Mas... junto d'ella outro vulto!!
Maria cae-lhe nos braços.
Que freneticos abraços!
Que recrescer de desejos,
Em longos, mordidos beijos!
Quebrada, desfallecida,
Inclina o rosto na mão,
E levando ao coração
A mão do seu bem amado
Lhe diz: Marido adorado,
Quão feliz foi no mundo a minha sorte;
Já sou tua e serei até á morte!

A pallida Maria
Casára n'esse dia.

Junho de 1881.

BULLÃO PATO.

HORAS DE OCIO

Anagramma

As direitas entre espinhos;
mas, seja no fructo ou flôr,
ás avessas invisivel,
ás direitas negra côr.

GANDAREZ.

Palavras bi-quadradas

. a . a
a . a .
. a . a
a . a .

Completar com as consoantes, de modo que as palavras se formem horizontalmente da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, e verticalmente de cima para baixo e de baixo para cima.

SINDULPHUS.

Embrulhada lexicologica

Com um nome proprio, seis romanos, cem coxos portuguezes e meia cabeça franceza formar o nome de um grande poeta nosso.

MANOEL ANTONIO COELHO ZILHÃO.

Soluções dos problemas do n.º 45

Charada. — Tafe.

Palavras quadradas:

S A R A
A M O R
R O S A
A R A R

Quadro magico:

25	39	38	28
35	32	29	34
30	33	36	31
40	26	27	37

Embrulhada anagrammatica: — Cá e lá más fadas ha.

Soluções certas

Quadro magico. — Sebastião Coelho V. (Faro), Tristão, Pedro José Calhancas (Elvas), Ociosos de caçadores 4, Hamlet (Merceana) Vasco (Coimbra) Nadégo (Coimbra), Dois Estouvados.

Charada. — Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Carmo e Sousa, Monge de Osseira (Pitões de Júnias) Hamlet (Merceana) Manoel Antonio Coelho Zilhão, Acertei? (Loulé), Abilio Cordeiro.

Palavras quadradas. — Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Ociosos de caçadores 4, Hamlet (Merceana), B. M. (Vianna do Castello, Teniers (Santarem) Edipo, Carmelis, Acertei? (Loulé) Manoel Antonio Coelho Zilhão.

Embrulhada anagrammatica. — Francisco Augusto Nunes Pousão, (Odemira), Edipo, Vasco, (Coimbra) Carmelita, B. M. (Vianna do Castello).

Erratas

Enigma topographico. — Onde se lê

leia-se Pouco tem d'estes protentos

Poucos tem d'estes portentos

Charadas novissimas (3.º). — Onde se lê

N'este tempo é sauto este porcalhão — 1 — 2

leia-se N'este templo é sauto este porcalhão — 1 — 2

Soluções certas (Embrulhada historico-lexicologica).

Onde se lê «Pedro José Calhamar» leia-se «Pedro José Calhancas».

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Amérol

(Continuado de pag. 368)

XXX

Yegor e o parisiense trocaram entre si alguns signaes, como para ficarem socegados. Voltando-se um pouco, Yermac viu sobre uma meza toda a sorte de provisões, trazidas e dispostas em boa ordem pelo sr. Lafleur.

Chegaram as nartas! exclamou com vivacidade erguendo-se direito.

—Não, disse-lhe o sr. Lafleur. Trouxemos isto ha bocadinho...

—D'onde?

—Ah! não m'o pergunte! respondeu o parisiense ás palavras que o chefe de policia dissera um momento antes. Deu-lhes até a mesma entoação.

Yermac percebendo, e recuperando a mudez, voltou para o logar ao pé do fogo.

Vejam os que havia de mysterioso na sua ausencia da cabana durante todo o dia e uma parte da noite!

O chefe de policia, perdendo a esperanza da volta de Tekel e Chort, resolvera apprehender a pé a sua evasão, e pozera-se a caminho logo depois da partida de Yegor e do sr. Lafleur para a caça. Levava apenas a provisão de toucinho de phoca, posto de reserva para esse fim. Tendo andado cinco ou seis horas debaixo de um grande frio, coberto de roupas muito pesadas, parou, indeciso se continuaria ou não o seu plano.

Á roda d'elle andavam raposas atrahidas pelo cheiro do toucinho de phoca. Ameaçou-as com um pau, sem as afastar muito. Era um mau principio. O vento principiou a soprar com força. Que perspectiva para a noite! Onde dormiria? Se se estendesse no meio da tundra, as raposas viriam roubar-lhe os mantimentos e talvez ataca-lo. Sem viveres não ha viagem nem evasão possível. E conhecia elle bem o caminho, que levava? O ceo estava encoberto. Nem uma estrella que lhe servisse de guia. A tentativa pareceu-lhe insensata. Nas condições, em que estava, nunca poderia chegar a Nijni—Kolimsk.

Mais valia retroceder, procurar acertar com o caminho percorrido. E' o que fez. Deitou fora a maior parte das provisões, sobre as quaes se precipitaram logo as raposas, e menos carregado chegou á costa, enganando-se ainda muitas vezes para chegar á praia, que dista alguns kilometros da cabana. Ahi principiou a reconhecer a região. Algumas horas mais tarde, parava diante da cruz de madeira, que indicava a sepultura de seu filho. Ajoelhou sobre aquelle tumulo. Quando se levantou, não lhe foi difficil dar com a cabana, quasi enterrada na neve, mas de cujo tecto sahia fumo em espiraes esbranquiçadas.

Yegor e o sr. Lafleur, não encontrando no dia seguinte os pedaços de phoca postos de parte pelo chefe de policia, e tendo por sincera a sua surpresa, a sua dor, por não ter achado em casa Nadege nem Ladislau, suspeitaram a verdade.

Mas que immensa tarefa tinham elles de encetar agora. Procurar Nadege e Ladislau, e arrancar-os das mãos dos raptos. Yegor não podia proseguir na tentativa, tão corajosamente executada até então, se não conseguisse este resultado.

XXXI

Depois de uma noute passada em claro,—os tres homens ficaram sentados ao pé do fogo sem darem uma palavra—Yegor e o sr. Lafleur foram atraz dos vestigios da narta: ainda eram perfeitamente visiveis. O cão de Yegor ladrava na direcção tomada pelo trenó, depois deitava a correr para que o seguissem, voltava e continuava na mesma.

—Graças a Wab, disse o sr. Lafleur, havemos de encontral-os!

—Assim espero! exclamou Yegor; mas devemos abandonar a cabana? caminhar para diante levando

Yermac e seguir o nosso itinerario para o golfo de Anadyr, quando encontrarmos Nadege e Ladislau?

—E as nartas? respondeu o sr. Lafleur. Que seria feito dos nossos guias? E poderemos apprehender a pé semelhante viagem? Não; deixemos a cabana entregue ao chefe de policia, e vamos o mais leve de bagagens que for possível. Nós voltaremos aqui.

Entraram, fizeram á pressa alguns preparativos, propondo-se levar consigo poucos viveres. Mas não esqueceram as armas: Yegor a espingarda e as pistolas; o parisiense o machado trazido do baleieiro para substituir a espingarda partida na cabeça do urso branco.

No momento de sahirem, Yegor disse a Yermac que podia dispor dos viveres que ficavam na cabana.

—Insiste inutilmente, senhor Semenoff, respondeu-lhe o chefe de policia. Prefiro morrer de fome a tocar n'alguma cousa. Mas a minha curiosidade fica satisfeita sabendo d'onde vieram estas provisões.

—Vou dizer-lh'o, tornou Yegor, e isso dissipará toda a sua repugnancia.

Contou-lhe então a descoberta do navio baleieiro.

—Mas então, disse o chefe de policia, trata-se de salvar os fragmentos de um navio... Que nome tem elle?

—Não sei.

—E' o que se devia saber primeiro. Hei de sabel-o. Tomarei nota; os carregadores hão de ser indemnizados pelo governo n'uma razoavel proporção... se se puder vender em Nijni-Kolimsk ou na feira de Ostrovoyé os mantimentos, o casco, os mastros, as velas... mas é impossivel; só podemos tirar partido dos viveres abandonados, e isso mesmo n'uma pequena quantidade, limitada ás nossas necessidades.

—O sr. Yermac consente em utilizar-se dos recursos prestados pelo baleieiro?

—De certo. D'esta vez é por conta do governo do czar, que há de pagar.

—Arranje lá isso como quizer, sr. Yermac, disse Yegor; o essencial é que eu não o veja soffrer e de pauperar-se, e tambem que o possa deixar aqui por alguns dias com a certeza de o encontrar vivo.

Yermac podia mostrar-se commovido pelo interesse, que lhe demonstravam; mas não era homem para se deixar enternecer por palavras amaveis. Teve apenas um momento mais comprometido, e para acabar com o comprometimento, voltou as costas a Yegor. Socegado pelo que dizia respeito ao chefe de policia, Yegor poz-se a caminho, acompanhado pelo sr. Lafleur. Wab corria adiante sem se desviar muito da costa.

Passado pouco tempo, viram do lado d'este os montes Vayvanine, Geyle e Rautana, e vber assim os rochedos agudos do cabo Chelagask. (1)

O cão levava-os para sudoeste, atravez de monticulos terrosos, abruptos e de lagos gelados. Quando chegou a noute, estacionaram algumas horas sobre a neve, não tendo consigo cousa alguma, que pudesse suavisar os rigores de tal acampamento.

No dia seguinte, embrenharam-se n'uma região cortada de uma infinidade de lagos profundos, de diversas grandezas, separados uns dos outros por uns como diques naturaes tendo só um pé de espessura, e formados, como o solo, de um gzeo eterno coberto de um pouco de terra vegetal. Depois de um trajecto difficil chegaram finalmente á parte occidental da bahia de Tchaunsk.

(1) O cabo Schelagaskoj de Nardeanskiold..

Sempre guiados por Wab, e continuando a seguir os vestigios do trenó sobre a neve, contornearam as collinas paralelas á costa, n'uma extensão de areia estreita, em que se viam vestigios de algumas plantas marinhas.

Soprava com impetuosidade um vento de oeste. O ceo estava puro. Ao meio dia um phenomeno celeste de encantadora belleza, veio absorver-lhes a attenção e obrigou-os a parar um instante no meio d'aquella marcha offegante e penosa. Em torno do sol appareceram-lhes outros quatro sóes reunidos entre si por meio de arcos-iris, brilhando com as mais vivas cores; o todo formava um circulo, cujo diametro era de quarenta graos; alem d'isso, um arco-iris horizontal, que podia ter oitenta graos de comprimento, passava atravez do verdadeiro sol e dos sóes apparentes, que o circundavam; nas extremidades erguiam-se perpendicularmente dois pequenos arcos-iris, cujas cores muito pallidas eram oppostas ás do grande. Este phenomeno durou duas horas. O vento foi amainando pouco a pouco, depois cahio neve, com pequena intensidade.

Yegor e o sr. Lafleur abrigaram-se como puderam mas entristecidos por verem cahir uma nova camada de neve, que ia apagar os vestigios existentes na antiga. O cão encontraria a pista? Quando passou a tormenta, excitavam Wab a caminhar adiante. O cão mostrou-se perplexo ao principio; seguiu e abandonou successivamente umas poucas de pistas; por ultimo, pareceu decidir-se, e Yegor, que começava a desesperar e a entregar-se á sua funda tristeza, recuperou confiança. Decidiu, e bem assim o companheiro, deixar-se guiar pelo instincto do animal, e pozeram-se novamente a caminho.

Entretanto o chefe de policia foi á procura do baleieiro, e tendo notado bem as indicações de Yegor, encontrou-o sem difficuldade. O seu primeiro cuidado foi, como tinha dito, descobrir o nome do navio: *Hugo e Maria*.

Já tinha sabido os nomes do capitão, do immediato e dos tripulantes pela Biblia trazida por Yegor. Fez um inventario de todos os materiaes e provisões, que se encontravam no baleieiro. Feito isto, começou a transportar para a cabana o que não era nem extremamente pesado, nem extremamente incommodo, infatigavel n'esta obra de salvção, que elle tomava tanto a serio como tornar a levar os deportados fugitivos para Yakutsk.

Quem o visse, embrulhado nas suas roupas de pelle, tendo a cabeça coberta com um barrete tambem de pelle que ficava enterrado até á nuca, um machado á cintura, espingarda ao hombro, um barrilinho debaixo do braço, trazendo além d'isso a reboque uma serra, um sacco de biscoitos, embrulhos com diversas cousas, tomal-o-hia pelo Robinson dos gelos.

(Continua)

EXPEDIENTE

Ficaram suspensas todas as assignaturas para Beja, a cargo do sr. Miguel da Silva Cerqueira, d'aquella cidade, por não ter o mesmo sr., desde 21 de fevereiro do anno proximo passado até hoje, enviado á administração d'este jornal a mais pequena quantia por conta do seu debito—62\$000 réis.

Rogamos aos srs. assignantes na referida cidade, que desejem completar o anno, a fineza de se entenderem directamente com a empreza.

O gerente.

CORRESPONDENCIA

Pechoso. — Escolheu perfeitamente a assignatura, isso é que não tem duvida alguma, e confessamos-lhe que esperavamos receber todos os ataques possíveis, excepto os que Pechoso nos dirige: Não serem boas as gravuras, e o jornal ser caro! Se o superlativo do seu appellido não fosse tão pouco euphonico, palavra que lho applicavamos.

Pechoso faz os seguintes calculos: desconta o romance que não pôde ler aos retalhos, desconta as *Horas de ocio* que o não divertem, desconta as *Actualidades*, que não tinham o dom de lhe agradar, apesar de serem firmadas por um dos nomes mais brilhantes

motivo porque todos os jornaes do mundo, sem excepção, dão sempre aos seus leitores romances divididos em retalhos quotidianos ou semanais. Já se vê pois que por esse mundo de Christo, os Pechosos estão em minoria.

Ha porem na sua carta um trecho mais importante e a que vamos responder. E' o que se refere ao ultimo romance de Pierre Véron.

Devemos dizer-lhe, em primeiro logar, que nunca fomos capazes de entender o que diabo vinha a ser isso de escola romantica e de escola realista, e já agora desistimos de o perceber. Falla tanta gente de papo n'essas coisas, que nós já nos resignámos a attribuir á pouca lucidez do nosso espirito o estado confuso em que essa grave questão permanece para nós. Adiante.

Desejamos effectivamente que o nosso jornal possa

do grande romancista, não foi porque Eça de Queiroz commettesse a irreverencia de informar os seus leitores da possibilidade de haver uma mulher casada que vá visitar um primo a uma casa onde não mora mais ninguém, foi porque descreveu as scenas que se passavam na tal casa de um modo mais digno do auctor do *Cavalleiro de Faublas* do que do auctor de tantas obras immortaes, que hão-de eternamente honrar a litteratura portugueza.

Mas um estudo profundo debaixo da sua apparencia humoristica, severo debaixo do seu sorriso zombeteiro, um estudo que nos não apresenta senão o ridiculo de uma ligação illegitima, que não tem uma palavra, uma intenção que possa despertar na imaginação dos leitores um pensamento licencioso, não nos pareceu que fosse menos digno de ser apresentado aos assignantes



DUAS VISTAS DE AMSTERDAM

(Veja-se o artigo *Recordações da Hollanda*)

da litteratura moderna, declara que, depois de todos estes descontos, lhe fica apenas leitura para dez minutos, e acha caro por meio tostão! E' extraordinario!! Mas, olhe, faça uma coisa: se não quer guardar o romance para o ler, depois, quando estiver completo, se não deseja conservar as gravuras que lhe não parecem boas, consagre ao nosso jornal os taes dez minutos de leitura, e entregue-o depois ao distribuidor. O distribuidor espera, e nós fazemos-lhe um abatimento razoavel no preço da assignatura.

O *Jornal do Domingo* tem dois elementos: a illustração, que é sem duvida alguma das melhores da Europa, e o texto que procuramos que seja, tanto quanto possível, variado. Se um dos nossos assignantes entende, contra a opinião unanime dos leitores portuguezes, que o brilhante collaborador que infelizmente perdemos, mas que está sendo optimamente substituído, não realisa o seu ideal dos chronistas, não sabemos o que lhe havemos de fazer. Temos procurado e conseguido a collaboração dos talentos mais brilhantes da nossa terra. Se o sr. Pechoso tem alguns outros em casa, faça favor de os enviar a esta redacção, franqueados com um selo de 25. Se o sr. Pechoso não quer ler romances aos retalhos, ensinemos o meio de dar n'um só numero um romance, ou diga-nos qual será o

entrar livremente no seio das familias, e parece-nos que porisso não devemos seguir o exemplo d'aquelles jesuitas francezes, que deixavam os rapazes no seu collegio representar operas comicas, mas que, em homenagem á moral, substituíam sempre a palavra *amor* pela palavra *tambor*. E os rapazes cantavam, com uma expressão apaixonada:

O' meu doce tambor!

Estava salva a moral, e os reverendos jesuitas entendiam que preparavam assim uma geração morigerada e casta.

Proseguir todos os romances em que se alluda, mais ou menos directamente, aos erros e aos delictos do amor, parece-nos pieguice. Se o sr. Pechoso não consente que se falle no *Jornal do Domingo* n'uma mulher infiel ao seu marido, não dá licença de certo que se falle aos rapazes do lyceu em D. Leonor Telles,—não é verdade? Porque, emfim, um professor de historia não ha-de dizer aos seus rapazes que D. Leonor Telles era o modelo das esposas, e que o conde Andeiro era seu tio.

Se a scena do *paraizo do Primo Basilio* foi justamente estygmatisada até pelos maiores admiradores

do *Jornal do Domingo*. Se Pechoso, não entende assim, consolamo-nos com a reflexão de que o proprio nome que adoptou, não é um pseudonymo, é um grito de consciencia.

Gandarez. — Tinha perfeita razão nas suas observações; mas emfim era uma liberdade corographica, que não valia a pena coartar, ainda mesmo que se tivesse feito reparo. Mas a verdade é que nem se déra por tal.

Z. — Conhece um *réclame* que appareceu ahí em varios jornaes, em que se via um homem a bater com um martello na cabeça, e a dizer: Quebro a cabeça para saber como é que a casa tal pode vender tão barato? Pois eis a nossa situação. Cá estamos com o martello a quebrar a cabeça e a dizer: Como é que se podem dar as faltas de que o sr. Z. se queixa?

Victoré. — Provavelmente aconteceu-lhe da outra vez o que lhe aconteceu agora. A sua carta chegou tarde. Este nosso correio nem os deuses respeita. Escusamos de lhe dizer que a solução era certa.